



## NOTICIAS INTERNACIONALES AL 12/04/2017

<b>BRASIL.....</b>	<b>2</b>
Mercado de hacienda: después de la incertidumbre surge un escenario más firme para los precios .....	2
Menores exportaciones de carnes bovinas frescas en marzo .....	2
Brasil exportó 3154 toneladas de carne vacuna a EE.UU. en marzo .....	3
Operación Carne Fraca. Resumen.....	3
Prolongan la prisión preventiva de un empleado de Seara .....	3
BRF retoma actividad en planta del estado de Goiás .....	3
Crisis podría prolongarse hasta 2018 .....	3
Maggi: van a controlar la calidad de los productos cárnicos .....	4
Maggi: fue positiva la visita de la misión de ARABIA SAUDITA.....	4
Modificación de la alícuota del ICMS en San Pablo no afectó aún precios .....	4
Maggi objetó la imposición de Funrural.....	5
Estado de Mato Grosso dejaría de vacunar contra la aftosa en 2021 .....	5
Cosalfa recomendó eliminar serotipo C de la vacuna contra la aftosa .....	5
<b>URUGUAY.....</b>	<b>6</b>
En lo inmediato, “no se vislumbran mejoras de precios” para el ganado gordo .....	6
Exportaciones de carne bovina se incrementaron 8% .....	6
Apareció un caso de rabia paralítica en Rivera.....	7
Mercado interno puede competir por carnes de alta calidad .....	7
Trabajadores de la carne en preconflicto por salarios .....	8
AFTOSA: preocupa decisión de Brasil de dejar de vacunar en cuatro años .....	8
<b>PARAGUAY .....</b>	<b>9</b>
Carne aumenta cada año ingreso de divisas .....	9
Auditoría de HONG KONG verificará plantas frigoríficas .....	9
Paraguayo preside ente de erradicación de aftosa .....	10
En Paraguay niegan posibilidad de importar ganado uruguayo.....	10
<b>UNIÓN EUROPEA .....</b>	<b>11</b>
Brexit & Brazil principales temas en la agenda de los productores irlandeses .....	11
Brexit obligará al REINO UNIDO a revisar la política sectorial y su presupuesto.....	11
<b>ESTADOS UNIDOS .....</b>	<b>13</b>
Reapertura del Mercado chino podría concretarse después del encuentro entre ambos mandatarios ...	13
Evolución positiva de las exportaciones en febrero .....	14
TAILANDIA: aprobó el ingreso de carnes con y sin hueso de Ganado de cualquier edad .....	15
Más exportaciones y menos importaciones contribuyeron a sostener el mercado.....	15
Fuerte baja de precios de la hacienda en el primer trimestre de 2017 .....	16
<b>CHINA aumentó demanda de carne de los principales proveedores del mundo .....</b>	<b>17</b>



## BRASIL

### Mercado de hacienda: después de la incertidumbre surge un escenario más firme para los precios

Quarta-feira, 12 de abril de 2017 - Embora também sejam observados ajustes negativos, o cenário geral de mercado mais firme continua.

Em São Paulo as programações de abate atendem em torno de três dias, com situações mais apertadas. Isto fez com que surgissem negócios e ofertas de compra acima da referência, de R\$135,00/@, à vista, livre de Funrural (11/4).

Vale lembrar que os valores de referência da Scot Consultoria estão sendo divulgados livres do imposto. Para as fêmeas, houve valorizações em oito praças, incluindo São Paulo, onde o preço de referência ficou em R\$126,00/@, à vista, sem imposto.

No mercado atacadista de carne com osso não houve alterações e o preço de referência para o boi casado de bovinos castrados está em R\$9,62/kg.

As próximas semanas, com feriados, devem ter impacto negativo nas negociações e alguma melhoria para a demanda. Isto pode amenizar o efeito de final de safra que se aproxima, quando normalmente a oferta de boiadas aumenta.

### Menores exportaciones de carnes bovinas frescas en marzo

1/04/17 - por Equipe BeefPoint

Exportação de carne bovina brasileira registra crescimento de 22% em faturamento e 20% em volume em março

[Share via Facebook](#)[Share via Twitter](#)[Share via LinkedIn](#)[Share via Google](#)[Share via Pinterest](#)

A indústria brasileira de carne bovina registrou resultado positivo nas exportações durante o mês de março, com um faturamento de US\$ 501 milhões e o embarque de mais de 125 mil toneladas. De acordo com a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (ABIEC), o desempenho representa um crescimento de 22% da receita e 20% do volume exportado, na comparação com fevereiro.

Hong Kong, China e Rússia foram os que mais importaram carne bovina do Brasil no período, com crescimento do volume e do faturamento gerados com a comercialização. Hong Kong foi o que mais importou, com um total de 27 mil toneladas e US\$ 100 milhões de faturamento, um aumento de 16% comparado com o mês anterior. A China comprou 19 mil toneladas, gerando US\$ 82 milhões de faturamento, 31% a mais do que em fevereiro. Já a Rússia aumentou em 46% o volume de carne brasileira importada, proporcionando um crescimento de 54% do faturamento com as negociações.

Posição	País/região	Faturamento US\$ (março/2017)	Volume em toneladas (março/2017)
1	Hong Kong	100.875.783,76	27.332,90
2	China	82.298.784,74	19.545,68
3	Rússia	56.432.492,55	17.267,84
4	União Europeia	49.012.993,88	7.915,27
5	Irã	37.816.487,15	9.852,62
6	EUA	33.777.031,84	5.826,11
7	Arábia Saudita	26.675.142,73	6.469,21
8	Chile	18.849.076,97	4.426,70
9	Egito	14.497.991,23	4.431,36
10	Israel	11.965.673,26	2.452,68

“Os resultados positivos registrados em março demonstram a força da indústria brasileira de carne bovina e seu potencial como exportadora. Os dados confirmam que a operação policial, desencadeada em 17 de março, não foi capaz de afetar substancialmente a média das exportações, até porque muitos mercados que interromperam as negociações após as notícias veiculadas, reabriram rapidamente, demonstrando confiança na carne bovina brasileira”, comenta Antônio Jorge Camardelli, presidente da ABIEC. “Nos próximos meses, continuaremos focados em assegurar e ampliar a nossa presença em mercados estratégicos e iniciar negociações com novos países”, complementa ele.

Apesar do embargo estabelecido temporariamente por alguns países na terceira semana de março, a queda do faturamento registrado no mês foi de apenas 3% na comparação com o mesmo período do ano anterior, quando foi obtido um faturamento de US\$ 517 milhões.

Categorias – A carne in natura se manteve como categoria mais exportada, seguida por industrializadas e miúdos. Em março, sua comercialização para outros países gerou um faturamento de US\$ 403 milhões, com embarque de mais de 98 mil toneladas, uma alta de 24% tanto em faturamento quanto em volume.



Posição	Categoría	Faturamento US\$ (março/2017)	Volume – ton. (março/2017)
1	In natura	403.582.832,31	98.223,96
2	Industrializada	46.001.711,91	8.828,14
3	Miúdos	41.562.703,53	15.192,28
4	Salgadas	5.404.876,87	1.071,10
5	Tripas	5.247.973,63	1.901,46

Fonte: Abiec.

### **Brasil exportó 3154 toneladas de carne vacuna a EE.UU. en marzo**

10/04/2017 - Fue un "salto considerable" frente a los meses anteriores.

Las exportaciones de carne vacuna de Brasil a Estados Unidos "pegaron un salto considerable", aseguró Rafael Tardáguila. El director de Tardáguila Agromercados contó que desde su ingreso al mercado los primeros volúmenes enviados fueron insignificantes y hoy alcanzó niveles importantes.

Brasil logró la habilitación al mercado norteamericano a fines de septiembre del año pasado, se conoció la noticia en el marco de la reunión de los importadores de carne de Estados Unidos (MICA por sus siglas en inglés).

En los primeros meses (octubre, noviembre y diciembre) se enviaron un aproximado de 200 toneladas peso embarque de carne vacuna brasileña. Sin embargo, Tardáguila dijo que durante 2017 experimentaron un crecimiento que se fortaleció en marzo. "En enero se exportaron 500 toneladas, en febrero 900 toneladas y en marzo 3154 toneladas de carne vacuna", resaltó.

La cifra del último mes triplicó a la de febrero y de esta manera empieza a consolidar su presencia en el país norteamericano. Brasil está participando de una cuota para terceros países, ya integrada por países de América Central, que permite exportar hasta 64,8 mil toneladas con un arancel entre 4% y 10% dependiendo de los cortes. Las ventas por fuera de ese cupo pagan 26,4% de arancel.

### **Operación Carne Fraca. Resumen**

#### **Prolongan la prisión preventiva de un empleado de Seara**

10/04/17 - por Equipe BeefPoint A Justiça Federal do Paraná decidiu manter a prisão preventiva de Flávio Evers Cassou, funcionário da Seara, empresa pertencente à JBS. Cassou teve a prisão decretada em 17 de março por suposto envolvimento na Operação Carne Fraca.

De acordo com o juiz federal Marcos Josegrei da Silva, a revogação da prisão preventiva de Cassou neste momento colocaria em risco a saúde pública e o andamento das investigações, diante da possibilidade de destruição de provas e coação de outras pessoas envolvidas no esquema.

Segundo a investigação da Polícia Federal, o funcionário dava dinheiro e alimentos a fiscais em troca da liberação de certificados sem que fosse realizada fiscalização.

A JBS disse que "não compactua com qualquer desvio de conduta de seus funcionários e acompanha o caso para tomar todas as medidas cabíveis". Também afirmou que o profissional da Seara atualmente está com seu contrato de trabalho suspenso.

#### **BRF retoma actividad en planta del estado de Goiás**

10 de abril de 2017 - Os trabalhos no frigorífico devem ser reiniciados nos próximos dias, segundo nota emitida pela empresa

A BRF informou neste sábado, 8, por meio de nota, que foi autorizada a retomar as atividades em sua unidade de Mineiros, em Goiás. "Os trabalhos devem ser reiniciados nos próximos dias", afirmou. Na segunda-feira, dia 3, o ministro da Agricultura, Blairo Maggi, havia dito que a reabertura do frigorífico da BRF em Mineiros dependia de pareceres técnicos.

Por causa da interdição da unidade da BRF, uma das 21 investigadas na Operação Carne Fraca, da Polícia Federal, as granjas do município chegaram a acumular mais de 300 mil perus em situação de abate. A agroindústria estava fechada desde o dia 17 de março. Diariamente, o frigorífico abate 25 mil aves.

#### **Crisis podría prolongarse hasta 2018**

12/04/17 - por Equipe BeefPoint Segundo levantamento da Agrifatto, desde o início da Operação Carne Fraca, pela Polícia Federal , 16 unidades de processamento de carnes tiveram suas atividades paralisadas em função de fechamentos definitivos e férias coletivas. Considerando-se situações similares nos últimos dois anos, o País tem hoje 60 plantas frigoríficas inoperantes.



"Alguns desses frigoríficos devem encerrar suas operações após o término das férias, como tem acontecido recentemente. Desde 2015 a indústria vem buscando um ajuste de oferta. Este ano o baque foi maior pela queda no consumo interno e as oscilações das exportações", destacou a analista de mercado Lygia Pimentel. "Até mesmo as unidades que permanecem abertas estão com níveis altíssimos de ociosidade."

A analista afirma que apenas a reação do consumo interno, que só será puxado pela retomada do crescimento econômico do País, poderia reverter o fechamento de unidades. "É impossível que a indústria consiga operar sem ter para onde escoar a carne. Se hoje o frigorífico compra um boi terminado, corre o risco de morrer com a carne na mão. A rentabilidade deste ano já está comprometida".

E a situação pode se complicar ainda mais em 2018. "Estamos no primeiro ano do ciclo de baixa da pecuária, quando as coisas não costumam ser tão ruins. Geralmente, o cenário se agrava para toda a cadeia do segundo ano em diante", avalia a analista.

Ela reforça ainda que mesmo retomando a compra de carne brasileira, os países que haviam imposto suspensões temporárias com a Carne Fraca têm importado menos do que o habitual, desde a segunda quinzena de março. No entanto, até o momento, o resultado negativo foi neutralizado pelo forte desempenho dos embarques das primeiras semanas do mês.

Nas projeções da Agriffato, se o ritmo atual se mantiver por mais 12 semanas (4 meses), as exportações de carne bovina podem recuar até 3,7% em 2017.

#### ***Maggi: van a controlar la calidad de los productos cárnicos***

12/04/2017 Quase um mês depois da operação que abalou o setor de carnes do País, o ministro da Agricultura, Blairo Maggi, disse que o trabalho no governo agora é manter a força tarefa para checar a qualidade dos produtos produzidos no País.

"Em várias localidades que nós já fomos e checamos falta de conformidade com o que está escrito na legislação, fizemos intervenções", disse. Segundo ele, a orientação para as equipes é que "não passem a mão na cabeça de ninguém" e visitem 100% dos estabelecimentos que têm o Serviço de Inspeção Federal (SIF).

"Assim que foi divulgada a operação tivemos uma preocupação de não deixar que os mercados fossem fechados para o Brasil, por isso nossa atenção ao mercado externo, mas não em detrimento do interno. Se você deixa fechar um mercado, é muito complicado. Gastamos mais de cinco anos para abrir um."

Maggi não acredita que a operação possa ter colocado em risco negociações que estavam em andamento, como o interesse do México em abrir o mercado para carne bovina e suína do Brasil. "Estamos conversando. Eles viriam aqui em abril e depois transferiram para maio, mas ainda não definiram a data. Encontrei na semana passada o vice-ministro do México e devo fazer uma visita ainda neste semestre ao país", afirmou.

#### ***Maggi: fue positiva la visita de la misión de ARABIA SAUDITA***

12/04/17 - por Equipe BeefPoint O ministro da Agricultura, Blairo Maggi, disse nesta terça-feira, 11, que a comitiva da Arábia Saudita que visitou frigoríficos brasileiros nos últimos dias foi "positiva". Maggi se reuniu nesta tarde, em São Paulo, com representantes da Autoridade Saudita para Alimentação e Medicamentos (SFDA, na sigla em inglês). O ministro não revelou detalhes do encontro; disse apenas que na volta a seu país os técnicos devem preparar um relatório oficial sobre a missão.

Após a Operação Carne Fraca, o Brasil está se preparando para receber uma série de missões de países compradores do produto brasileiro, entre eles da União Europeia. Além disso, enviará missões a alguns países. Maggi, por exemplo, viaja no dia 10 de maio para Arábia Saudita, Emirados Árabes, Hong Kong, China e Bélgica. Nos cerca de 20 dias de viagem, ele estará acompanhado de representantes da iniciativa privada. Antes disso, o secretário executivo do Ministério, Eumar Novacki, vai à Argélia, Egito e Marrocos. A viagem acontece entre os dias 16 e 25 deste mês.

"A visita deles é muito importante para nós", disse Maggi. "Estamos agora neste fogo cruzado de acusações e precisamos reagir e mostrar que nossos processos são bons e fortes", afirmou depois a jornalistas na sede da Superintendência Federal de Agricultura, em São Paulo.

#### ***Modificación de la alícuota del ICMS en San Pablo no afectó aún precios***

Fonte: Scot Consultoria 10 de abril de 2017 - Aumento de 0,6% nas cotações de cortes no varejo é bem mais modesto do que o projeto pelo mercado

Nas últimas semanas, foi divulgado praticamente como certo um aumento entre 6% e 7% para os preços da carne bovina no varejo, em decorrência da volta do ICMS.

O último agente da cadeia e, na prática, o que manda, não aceitou o repasse neste primeiro momento. Houve até um ajuste positivo nas cotações, de 0,6% na média dos cortes bovinos em São Paulo, mas bem mais modesto que o divulgado.



Mais impostos incidindo na cadeia geram uma redução de margem. Parte foi amortizada pela queda de preços no atacado, parte pela alta sutil e parte ficará com o varejo.

Ao longo dos meses, com uma possível recuperação do poder de compra e consumo, pode ser que haja o repasse, mas não será do dia para noite, nem via decreto.

### **Maggi objetó la imposición de Funrural**

12/04/17 - por Equipe BeefPoint O ministro da Agricultura, Blairo Maggi, disse nesta terça-feira, 11, avaliar que a retomada da cobrança da contribuição previdenciária ao Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (Funrural) em 2,3% para o empregador pessoa física configura bitributação e que deve onerar, principalmente, a pecuária.

“É uma questão muito grave. Um cidadão que tem mil bois vai ter de pegar 200 só para pagar o governo e à vista.” Maggi disse respeitar a decisão do Supremo Tribunal Federal, que considerou a cobrança do imposto constitucional, e que está analisando, juntamente com a Frente Parlamentar da Agricultura, o que pode ser feito para “modular” a cobrança retroativa, caso ela realmente aconteça.

### **Estado de Mato Grosso dejaría de vacunar contra la aftosa en 2021**

10 de abril de 2017 - Com o status de livre da doença sem vacinação, o país poderá comercializar carne com novos mercados

Ampliar foto MT deixará de vacinar contra aftosa em 2021 Para atingir o objetivo algumas medidas precisam ser implementadas

Durante o seminário internacional da Comissão Sul-Americana para a Luta Contra a Febre Aftosa (Cosalfa), realizado em Pirenópolis, em Goiás, na semana passada, foi anunciado que Mato Grosso deixará de vacinar contra a febre aftosa até 2021. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) apresentou, ainda no encontro, o plano para retirada da vacina em todo o país até 2023, quando o Brasil deve conquistar do status de zona livre da aftosa sem vacinação.

O diretor-técnico da Associação dos Criadores de Mato Grosso (Acrimat), Francisco De Sales de Manzi, afirma que a retirada da vacina já é um caminho sem volta “O Mapa anunciou que até 2023 o Brasil deixa de vacinar contra a febre aftosa em todo o país. Daí em diante começam os trabalhos técnicos que irão guiar as ações em todo o território. As discussões agora são como será a retirada e não mais se será retirada”.

De acordo com Plano Estratégico para enfrentar os desafios da última etapa da erradicação da aftosa, o Mapa dividiu o país em cinco blocos. Os primeiros Estados a extinguirem a vacinação serão Acre e Rondônia, em 2019. Em 2020, está prevista a retirada da vacina no Amazonas, Pará, Amapá e Roraima e também nos Estados do Nordeste, com exceção do Sergipe e da Bahia. Em 2021, encerram a imunização nos Estados do Centro Oeste e Sudeste, na Bahia, no Sergipe e no Paraná. O bloco 5, composto por Rio Grande do Sul e Santa Catarina, também extingue em 2021.

Segundo Francisco Manzi, o produtor já está confiante com relação à erradicação da doença e extinção da vacina. “Mato Grosso está há 21 anos sem registro da doença e a América do Sul está desde 2006. Chegamos ao ponto que temos a confiança, agora é preciso planejamento”.

O principal ganho para a pecuária com aquisição de status livre de aftosa sem vacinação é de mercado. Alguns países, como Japão, não importam carne de países que ainda vacinam.

“A aquisição desse status representa ganho de mercado e fortalecimento da nossa vigilância sanitária. Agora é preciso discutir junto com setor questões técnicas, de logística e até de exportação para que o país saia mais fortalecido deste processo”, afirma Francisco Manzi.

O diretor do Mapa, Guilherme Marques, explica que é preciso criar e manter condições sustentáveis para garantir o status do Brasil livre da febre aftosa sem vacinação. Para tanto, ressaltou, é necessário implementar uma série de ações. Entre elas, a melhoria do sistema de segurança, com resposta mais rápida de todo serviço veterinário, diagnóstico de forma ágil e a reação do sistema com vista a debelar rapidamente eventuais focos.

Para Francisco Manzi, um país livre de aftosa não é aquele que vacina, mas aquele que consegue agir rápido e conter os riscos de disseminação em caso de registro da doença.

Fonte: Acrimat

### **Cosalfa recomendó eliminar serotipo C de la vacuna contra la aftosa**

Fonte: Mapa, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 11/04/17 Estudo do Centro Americano de Febre Aftosa que concluiu pela inexistência do vírus da febre aftosa tipo C na Sul América determinou recomendação da Cosalfa suspender a vacinação com esse sorotipo na região. A decisão foi tomada no encerramento da 44ª reunião ordinária da Comissão Sul-Americana para a Luta contra a Febre Aftosa (Cosalfa), que aconteceu na última semana, em Pirenópolis.

De acordo com o estudo o último foco de febre aftosa com o sorotipo C nas Américas data de 2004.



Outra decisão importante tomada por representantes dos 13 países (Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Panamá, Paraguai, Peru, Suriname, Venezuela e Uruguai), que integram a comissão foi criar o Banco Regional de Antígenos de Febre Aftosa (Banvaco), banco de vacinas com o objetivo de ter estoque estratégico para eventuais e futuras intervenções na região como um todo.

#### Plano brasileiro

O Brasil apresentou proposta de retirada da vacina de febre aftosa e de manter-se livre da doença. A expectativa é de que, no próximo ano, Roraima, Amazonas e Amapá sejam considerados livres da aftosa pela OIE (Organização Mundial de Saúde Animal), o que concluiria uma etapa de erradicação da febre no país.

#### Acordo com a Venezuela

Um termo de entendimento mútuo assinado com a Venezuela, no evento, contribui para alcançar essa meta. Foi considerada relevante a participação de delegação do país vizinho, que não vinha tomando parte em reuniões anteriores. Agora, houve, inclusive, a presença de representantes do setor produtivo, tornando possível o acordo para ações conjuntas na fronteira.

O termo prevê atuação de ambos os lados, permitindo que profissionais brasileiros auxiliem autoridades venezuelanas na vacinação do seu rebanho, bem como no atendimento de eventuais suspeitas da doença.

#### Rebanho das Américas

Temos como afirmar com base em todas as evidências, bem como os reconhecimentos já oferecidos pela Organização Mundial de Saúde Animal, que praticamente todo o rebanho nas Américas já é reconhecido como livre de febre aftosa com ou sem vacinação, restando à Venezuela avançar nesse reconhecimento. O rebanho da América do Sul é da ordem de 350 milhões de cabeças de bovinos. Só o Brasil detém quase 220 milhões. E a Venezuela tem em torno de 15 milhões de animais aproximadamente.

No caso brasileiro, faltam somente Roraima, Amapá e Amazonas que detêm aproximadamente 2 milhões de animais para o reconhecimento.

## URUGUAY

### **En lo inmediato, “no se vislumbran mejoras de precios” para el ganado gordo**

11/04/2017 Referencia para novillos y vacas se ubican en US\$ 2,80 y US\$ 2,53, respectivamente.

El mercado de haciendas gordas alcanzó “estabilidad” de valores y una faena que se mantiene cercana a las 45000 cabezas semanales, con posibilidades de un “incremento” en las próximas semanas.

“Hoy vemos un mercado estabilizado y no se vislumbra una mejora en los precios de las haciendas gordas”, comentó Juan Carlos Martínez. El consignatario dijo en Valor Agregado en Carve que hasta el momento “lo más generalizado en valores es US\$ 2,80 por novillos y US\$ 2,53 por vacas buenas y pesadas”.

La reunión de la Asociación de Consignatarios de Ganado, que se realizó ayer, marcó una leve baja para el novillo y estabilidad en vacas. Martínez dijo que la industria “está con buena disposición compradora” y las entradas “están siendo relativamente cortas”.

Explicó que hay mucho interés por todas las categorías y aseguró que “salen con muy buen estado de los campos”. El operador agregó que la oferta es buena y a medida que se acerque el invierno, va a aparecer un mayor número de ganados y eso va a incrementar los niveles de faena.

### **Exportaciones de carne bovina se incrementaron 8%**

Abri 10, 2017 Se trata de los negocios del primer trimestre en relación a igual período de 2016

Las exportaciones de carne bovina del primer trimestre de 2017 aumentaron un 8% en el monto total de divisas generadas con relación a igual período de 2016. En el período se efectuaron negocios por un total de US\$ 371,2 millones.

El incremento se alcanzó con motivo de haberse efectuado negocios por un volumen de envíos que representó 108,9 miles de toneladas, superior en un 10% al primer trimestre de 2016, informó el Instituto Nacional de Carnes (INAC).

El precio de la carne bovina exportada durante el primer trimestre de 2017 cayó un 2%Twitear

Por su parte el precio de la carne exportada en los primeros tres meses de este año cayeron un 2%, al obtener US\$ 3.408 la tonelada pesa canal contra US\$ 3.484 del período anterior.

China sigue siendo el principal comprador liderando los negocios en un 37,8% sobre el total de las divisas ingresadas por la exportación de carne bovina.

Las ventas a la Unión Europea (UE) representaron a su vez el 20,7% y los negocios con los países del Mercosur un 13%.

La carne ovina exportada en primer trimestre cotizó por su parte a un valor de US\$ 4.115 la tonelada peso canal, levemente inferior a los US\$ 4.135 alcanzados en similar período del año pasado.



Pero los negocios que ascendieron a US\$ 16,9 millones aumentaron un 33% en dólares y un 34% en volumen en comparación con igual lapso del año pasado.

### Apareció un caso de rabia paralítica en Rivera

Abril 7, 2017 - Se registró en una vaquillona de un predio ubicado en zona de Tranqueras

Surgió un caso positivo de rabia paralítica en la zona de Tranqueras en el departamento de Rivera, por lo cual la Dirección General de Sanidad Animal, que está trabajando con sus técnicos en el lugar, dispuso la vacunación de los animales de establecimientos ganaderos ubicados en la zona circundante.

Los productores obligados a vacunar sus animales vacunos, son los que tienen predios al norte: ruta 30 entre ruta 5 hasta Masoller; al oeste: Cuchilla Negra hasta Masoller; al oeste: Cuchilla Negra desde Masoller hasta Laureles; al este: ruta 5: desde el empalme de ruta 30 hasta Manuel Díaz en el departamento de Rivera.

Además la zona norte del departamento de Tacuarembó también deberán vacunas los animales vacunos.

El doctor Rafael Carriquiry, técnico regional del Instituto Plan Agropecuario (IPA) en la zona que comprende a Rivera resaltó que el caso fue registrado en una vaquillona de un predio ganadero, próxima a la localidad de Tranqueras y cerca de la zona donde la rabia paralítica había aparecido hace 10 años.

La rabia es una enfermedad zoonótica, por lo cual se transmite de los animales al hombre y es mortal. Se transmite solo por la mordedura de un animal enfermo y en este caso la vaca se contagió por vampiro (murciélagos hematófagos que se alimentan de la sangre), explicó el veterinario.

Explicó que no es un caso inesperado en función de que el último caso se registró en 2014 en Aceguá, en Cerro Largo y anteriormente en 2007 y 2008 en Rivera. Esto quiere decir que el virus está presente en el ambiente y que cada varios años reaparecen algunos casos.

Carriquiry explicó que estas situaciones se ven favorecidas porque al pasar el tiempo algunos productores se descuidan y empiezan a bajar el porcentaje de animales vacunados contra la rabia y aumenta el riesgo.

Los equipos coordinados tanto del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP) y del Ministerio de Salud Pública (MSP) ya fueron alertados a partir del aviso del veterinario particular que tuvo las sospechas sobre el animal afectado.

Las medidas incluyen la definición de un perímetro donde se evalúa el riesgo en cada predio, se entrevista a los productores y se recomienda la vacunación de los animales que están un radio de 25 kilómetros alrededor de Tranqueras.

Carriquiry explicó que cuando se observan animales con sospechas, con síntomas nerviosos, con problemas para desplazarse, que permanecen echados y que están agresivos o que mueren luego de estos síntomas se debe avisar a los técnicos veterinarios oficiales y privados.

### Mercado interno puede competir por carnes de alta calidad

Abril 7, 2017 Exportadores exploran alternativas para cuota 481, incluyendo consumo local

Los exportadores de carne vacuna procedente de los corrales de engorde, que básicamente venden para la cuota 481 de Europa, comienzan a explorar otras alternativas en otros mercados, incluyendo la posibilidad de negocios para Japón cuando rehabilite a Uruguay y para el mercado interno.

Algunos frigoríficos están planteando el encierro de animales para otros mercados de exportación fuera de la Unión Europea (UE), que demandan cortes de carne de calidad superior, especialmente el mercado chino, informó a El Observador el presidente de la Mesa de Alimentación a Corral, Daniel Miranda.

Como se sabe, los actores de este negocio han estado explorando otros destinos para este tipo de carne frente a la incertidumbre creada por los reclamos de EEUU a Europa sobre la cuota 481, de carne de alta calidad procedente de animales terminados con alimentación a grano en corrales (feedlots).

EEUU pidió rever la cuota 481, que originalmente se le había concedido en compensación por un diferendo comercial, porque entiende que no la puede aprovechar ante la competencia de otros países autorizados a competir, como Uruguay.

Si prospera el reclamo, la cuota 481 puede desaparecer, pero las autoridades del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP) aseguraron que al menos hasta setiembre próximo estará vigente y se pueden hacer negocios.

En ese contexto ha surgido la posibilidad de colocar en el mercado interno carne de novillitos y vaquillonas, pero "hay que estudiarlo muy bien, porque los precios y la relación flaco/gordo no ayudan como para definir un buen margen (de ganancia) en estos momentos", explicó Miranda en el programa Tiempo de Cambio, de Radio Rural

Agregó que si se apuesta a la poszafra y se logra ajustar un poco los costos de la comida y algún costo operativo, se puede concretar con mayor amplitud esta posibilidad comercial que "ya se encuentra en marcha aunque a muy pequeña escala".

Esta es una posibilidad que se maneja y se observa con expectativa en la medida que pueda verse reflejado en los valores que se pagan a los corrales de engorde.



Por otra parte, los corrales de engorde han comenzado a trabajar en la recría de terneros enteros para la exportación, rubro que se viene desarrollando en forma bastante dinámica, dijo Miranda.

### **Trabajadores de la carne en preconflicto por salarios**

Abril 12, 2017 Por represión sindical están en conflicto con el Frigorífico Solís

La Federación Obrera de la Industria de la Carne y Afines (Foica), que se encuentra en preconflicto, se declarará en conflicto con todo el sector de la industria frigorífica, si el próximo martes las empresas no presentan una propuesta salarial para iniciar las negociaciones en el Consejo de Salarios, destacó a El Observador el secretario general de la Foica, Luis Muñoz.

Explicó que hace 70 días que se está discutiendo el tema en el Consejo de Salarios y que lo único que se ha presentado por las empresas es el argumento de una crisis que atraviesa el sector.

Todos estos temas serán discutidos por los trabajadores en un plenario de todos los sindicatos de la Foica a realizarse al día siguiente (miércoles) donde se habrá de decidir sobre el inicio de medidas por las dos situaciones planteadas, sostuvo el dirigente.

La Foica tiene por otra parte un conflicto declarado en el Frigorífico Solís por "represión sindical y conducta antisindical de la empresa", afirmó Muñoz.

Agregó que hace unos seis meses se conformó un sindicato en esa empresa, en función de que no existía desde el 2009. Dijo que la primera reacción de la empresa cuando se le presentó la lista de los dirigentes sindicales, fue enviarlos al Seguro de Desempleo como había ocurrido en el 2009.

Muñoz expresó que en aquel entonces logró desarticular el sindicato instalado, pero esta vez los tuvo que retomar como resultado de las conversaciones mantenidas por las partes involucradas en el ámbito de la Dirección Nacional de Trabajo (Dinatra).

Pero hace un mes aproximadamente el sindicato efectuó un paro por un asunto que se estaba negociando que no lograba acuerdo y que fue solucionado al día siguiente. Pero la empresa descontó el presentismo por esa razón a sus trabajadores, con lo cual desconoció un derecho reconocido de los trabajadores, dijo Muñoz.

Por este motivo y por descontar el presentismo a sus delegados sindicales cuando concurren a la Foica, se llegó a una instancia de negociación que no logró acuerdo en la Dinatra.

Como consecuencia desde el pasado lunes 10 los empleados de Frigorífico Solís trabajan a reglamento, lo que generó a su vez que varios sindicatos integrantes de la Foica analicen medidas de solidaridad que habrán de adoptar por ese motivo a nivel de toda la industria, dijo Muñoz.

### **AFTOSA: preocupa decisión de Brasil de dejar de vacunar en cuatro años**

Abril 11, 2017 En cuatro años deja el desafío de una frontera seca con Uruguay

Dentro de cuatro años Uruguay tendrá una frontera seca con Brasil en una zona que es la última etapa de su plan gradual para dejar de vacunar contra la fiebre aftosa y que abarcará al estado de Río Grande del Sur.

Esta situación obligará a Uruguay a empezar a trabajar en un plan muy riguroso de alta vigilancia y en coordinación en este caso con Brasil, admitió hoy a El Observador el director general de los Servicios Ganaderos del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP), Eduardo Barre.

Brasil planteó oficialmente en la 44<sup>a</sup> Reunión de la Comisión Sudamericana de Lucha contra la Fiebre Aftosa (Cosalfa), que tuvo lugar el pasado jueves y viernes en Goiás (Brasil), que habrá de dejar de vacunar contra esta enfermedad en forma progresiva, de acuerdo al programa del Plan Hemisférico para la Erradicación de la Fiebre Aftosa (Phefa) 2011-2020.

En una primera etapa Brasil dejará de vacunar contra fiebre aftosa en 2019 en frontera con Bolivia

Por lo tanto, en una primera etapa Brasil dejará de vacunar en el 2019 en la frontera con Bolivia, en una segunda etapa en 2020 será en la frontera con Venezuela y noreste de Brasil y, finalmente, en 2021 se incluirá en plan a los estados del centro y Río Grande del Sur.

Los servicios técnicos del MGAP trabajan con la guía del Phefa que establece que, en la medida que se cumplan las diferentes etapas a nivel de la región hemisférica, se puede llegar a analizar el planteo de dejar de vacunar contra la enfermedad. "Esa es una visión técnica", explicó Barre.

En la consideración de este tema hay que recordar que existen tres fases que son la técnica, la política y la comercial. Precisamente, desde el punto de vista político, hay que recordar que en abril de 2016 en similar reunión de la Cosalfa, el titular del MGAP, Tabaré Aguerre, había afirmado que Uruguay no dejará de vacunar mientras dure su gestión.

#### **Visión comercial**

La visión comercial involucra a los sectores privados, donde si bien entienden que hoy Uruguay no debe dejar de vacunar, el país debe seguir trabajando en la línea del Phefa para analizar esa posibilidad, como lo destacó oportunamente a El Observador el presidente de la Asociación Rural del Uruguay (ARU), Pablo Zerbino.



Barre explicó que la expectativa de Uruguay está basada en que el país tiene una buena cobertura con vacunación, lleva a cabo tareas de vigilancia y muestreos serológicos de circulación del virus, lo que significa un buen contexto desde el punto de vista técnico sanitario. Por lo tanto, los servicios sanitarios uruguayos habrán de seguir monitoreando lo que ocurre en Brasil, de acuerdo a su programa planteado. Desde el punto de vista de los mercados, Uruguay está muy bien posicionado con su estatus de vacunación contra la fiebre aftosa y habrá que analizar en un futuro -sin anunciar fechas- si el país entra o no al área de no vacunación para conquistar otros mercados agregados de más valor, explicó Barre.

#### Contexto de mercados

El director de Servicios Ganaderos explicó que si se mira a Uruguay en el contexto internacional la cantidad de mercados que tiene abiertos aún con vacunación es importante, y está muy próxima la apertura de Japón, que es un país de alta exigencia sanitaria y que no vacuna contra la fiebre aftosa.

Es un tema que hay que analizarlo, monitorear la zona y en el futuro analizar qué decisión "tomamos entre todos", afirmó el funcionario del MGAP.

Barre afirmó que para analizar la posibilidad de dejar de vacunar Uruguay tendrá que ver el contexto sanitario no solo de Brasil, Argentina y Paraguay, sino de toda América. Hay que ver qué acontece con otros países, como Bolivia y Venezuela, para analizar "cómo nos marca a nosotros el camino y tomar las decisiones correctas".

Barre explicó que si se llegara a ese momento será necesario aplicar mecanismos de alta vigilancia, no solo por los tipos de virus que hay en América, sino también por virus exógenos a la región. Hoy con el tránsito de personas y de transporte es muy difícil poder controlar la cantidad de ingresos a Uruguay, lo que obligará a desarrollar una alta vigilancia en esos aspectos.

## PARAGUAY

### Carne aumenta cada año ingreso de divisas

08 de Abril de 2017 Para tener una idea de cómo ha crecido el negocio de la carne paraguaya, se puede hacer una comparación de la exportación de productos y subproductos de origen animal (vacuno, porcino, aviar), por ejemplo, de los tres primeros meses de este año con el mismo periodo del año 2009, que muestra una diferencia de 60,44% en cuanto al peso, y de 127,9% en cuanto a dólares ingresados al país, según un informe divulgado por Senacsa (Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal).

De enero a marzo del año 2009 Paraguay exportó 56.857 toneladas de productos y subproductos de origen animal, generando un ingreso de US\$ 139.981.645; mientras que este año vendió al exterior 116.547 toneladas de productos y subproductos cárnicos, con ingreso de US\$ 338.857.860.

#### Respecto al 2016

La exportación de carne bovina, de enero a marzo de 2017, fue de un total de 62.727 toneladas, 28% más comparando con las 54.643 toneladas que exportó el país en el mismo periodo del año 2016.

Esto generó al Paraguay, en lo que va de año, un ingreso global de US\$ 263.967.822 frente a los US\$ 205.761.703 del primer trimestre del 2016.

También la exportación de menudencias tuvo sustancial aumento. De enero a marzo de 2016 se exportó 7.621 toneladas, con ingreso de US\$ 14.043.927. Este año se exportaron 9.309 toneladas, con ingresos de US\$ 17.665.629.04, es decir un 25,79% más que el año pasado.

### Auditoría de HONG KONG verificará plantas frigoríficas

11 de Abril de 2017 Para junio próximo se aguarda una auditoría de Hong Kong que verificará las condiciones sanitarias de plantas frigoríficas de nuestro país para la eventual oficialización de la exportación de carne a esa región asiática, informó el Dr. Hugo Idoyaga, titular de Senacsa (Servicio Nacional de Salud y Calidad Animal). También están aguardando un informe de EE.UU. tras la verificación hecha por técnicos del sector cárnico de ese país a frigoríficos paraguayos.

"Somos optimistas de que vamos a aprobar, pero hay que esperar el momento y después ver qué ocurre", respondió Idoyaga al ser consultado por este diario.

El pasado 2 de marzo una misión técnica público privada integrada por representantes de Senacsa y de la Cámara Paraguaya de Carnes iniciaron en Hong Kong negociaciones que apuntan a abrir ese mercado a productos cárnicos paraguayos.

Idoyaga señaló que la confirmación de la visita de la auditoría de Hong Kong a plantas frigoríficas de nuestro país fue una de las cuestiones que se propusieron y ya está acordada la fecha. "Ese es lo más cercano que estamos teniendo en este momento y como parte de la hoja de ruta que habíamos establecido", expresó.

EE.UU.

El presidente de Senacsa también se refirió a las gestiones tendientes a concretar mercados para la carne paraguaya en Estados Unidos. Al respecto, dijo que están aguardando la respuesta de la agencia



sanitaria de ese país sobre la verificación que realizaron a plantas de industrias frigoríficas de nuestro país. "Sabemos que ha sido exitoso el informe de la visita que ellos hicieron, pero no tenemos aún un documento que respalde esa decisión", indicó. También están iniciando trámites con la agencia de inocuidad a fin de ganar tiempo. "Estamos realizando los trabajos previos", manifestó.

### **Paraguayo preside ente de erradicación de aftosa**

8 de Abril de 2017 La Asociación Rural del Paraguay (ARP) informó que el titular de la Mesa Coordinadora de Comisiones de Salud Animal, Ing. Antonio Vasconsellos Porta, fue electo presidente del Grupo Interamericano de Erradicación de Fiebre Aftosa durante la 44<sup>a</sup> reunión de la Comisión Sudamericana para la Lucha Contra la Fiebre Aftosa (Cosalfa) que concluyó ayer en Pirenópolis, Goiás, Brasil.

Vasconsellos participó de esta reunión juntamente con el viceministro de Ganadería, Marcos Medina, y el titular de Senacsa, Hugo Idoyaga, como delegados de nuestro país.

Cosalfa es el ámbito de coordinación de acciones de los sectores público y privado para la erradicación de la fiebre aftosa en el continente americano.

El informe, brindado por el viceministro de Ganadería, Marcos Medina, señala que en la reunión Brasil presentó un plan nacional de levantamiento paulatino de la vacunación contra la fiebre aftosa. Se habló también de preparar a la región para una transición hacia un estatus de libre sin vacunación.

También se presentó una conclusión técnica por parte de Panaftosa de que existe un riesgo "despreciable" al virus tipo C y por tanto la recomendación de retirarlo de la vacuna polivalente.

### **En Paraguay niegan posibilidad de importar ganado uruguayo**

10/04/2017 La compra de ganado en Uruguay "fue un comentario pero nada oficial".

5 Días – Paraguay | Ante comentarios de que la industria paraguaya comenzó a mirar de reojo la posibilidad de apelar al ganado gordo de Uruguay para realizar parte de su faena, la Cámara Paraguaya de Carnes desmin-tió esa posibilidad.

El medio internacional Tardáguila Agromerca-dos en un informe publi-có que una fuente industrial paraguaya comentó que la "gran brecha" de precio que hoy existe en-entre ambos mercados "da para pensar y analizar" esa posibilidad.

En el mercado paragua-yo los novillos de punta con destino a la Unión Europea (UE) se pagan en un rango de US\$ 3,15 a US\$ 3,20 por kg carcasa, mientras que en Uruguay los novillos especiales de exportación cotizan en un rango de US\$ 2,70 a US\$ 2,75 por kg carcasa.

Históricamente los pre-cios del ganado con des-tino a faena en Paraguay han estado por debajo de las referencias de Uru-guay, pero desde la pasa-da primavera la ecuación se invirtió y la brecha de precios entre ambos mercados comenzó a ampliarse volviéndose más cara la hacienda pa-raguaya, según el infor-me.

Ganado Uruguayo. "Sobre la compra de ganado uruguayo fue un comentario realizado pero no se hizo de ma-nera oficial, el precio del ganado paraguayo está por encima del precio de la región, tanto en Bra-sil como en Uruguay se están pagando precios inferiores por el ganado por la coyuntura de los mercados internacionales.

En Paraguay por un problema de oferta y demanda doméstico el precio está sobrevaluado, estamos pagando más de lo que debería valer, no-sotros apoyamos 100% al productor paraguayo por ser un productor eficien-te que trabaja, invierte, nosotros trabajamos por una cadena de la carne integrada, productor, Senacsa y la industria", explicó Juan Carlos Pet-tengil, presidente de la Cámara Paraguaya de Carnes.

El profesional explicó que desde la Cámara no están a favor de la com-pra de ganado uruguayo porque sanitariamente puede representar un problema.

"Nosotros tenemos pro-blemas con los precios, vemos que el precio está entre un 7 a 9% desfasado en comparación a países de la región, esperemos que entre estos días y finales del mes de mayo esa brecha se vaya ajus-tando a los precios ra-zonables. Los precios del ganado tenderían a bajar en un corto plazo no sa-bemos con exactitud pero estimamos que sería en-entre un 5 y 7%", sentenció el titular de la CPC.

Negocios inviables. Esta posibilidad de negocios además sería inviable para la con-creción de negocios, principalmente porque la diferencia de precios entre mercados por un novillo es de US\$ 0,50 y los costos de flete, en-tre otros, son muy al-tos para avanzar en esa oportunidad.

En Paraguay, los precios siguieron exhibiendo firmeza a causa de una oferta limitada, aunque cedieron 3 centavos por kilo para el ganado apto para la UE, marcado en US\$ 3,12 por kilo y man-teniéndose como la se-gunda plaza más cara de la región. Lluvias generaliza-das en el Chaco, buena oferta forrajera y una relación ternero/novillo gordo que no favorece al invernador, son las causas que explican la baja oferta, según Valor Carne.



## UNIÓN EUROPEA

### Brexit & Brazil principales temas en la agenda de los productores irlandeses

11 April 2017 - Speaking at the EU Commission Civil Dialogue Meeting in Brussels on beef last week, IFA National Livestock Chairman Angus Woods said the prospects for the EU beef market for 2017 look more positive than 2016. He said the latest forecast results on beef, presented at the Civil Dialogue Meeting show that EU production is set to fall and prices are forecasted to rise in 2017.

In addition, he said the EU Commission are predicting that the strong trade balance of exports over imports will increase in 2017, driven by continued growth in live exports, mainly to Turkey.

Mr Woods said the 2016 figures show that beef production increased by 2.6 per cent, driven by a 7 per cent increase in cull cow slaughterings as a result of the fallout from the dairy sector, which caused the beef price problems in 2016.

EU beef prices fell by about 15c/kg in 2016 over 2015 levels. For 2017, the EU is forecasting that beef production will fall by 0.25 per cent or over 20,000t and both male and female cattle prices are forecast to increase.

On EU exports, Mr Woods said the Commission pointed out export volumes were up 18 per cent at 702,337t. The biggest export market was Turkey, taking 10 per cent or 71,200t, the majority of which was live cattle.

He said the EU Commission highlighted the importance of live trade to Turkey, describing it as a vital value added market outlet. Live cattle exports make up 52 per cent of the total value of EU beef exports.

#### Brexit impact

Mr Woods said IFA highlighted the impact of Brexit on the Irish beef sector, pointing out that in the second half of 2016 producers took a price hit of €150m, mainly as a result of the Sterling devaluation.

He said IFA make it clear at the meeting that no other Member State, and no other sector, is as exposed in Brexit negotiations. The UK is Ireland's closest market, of high value, with similar preferences.

He said the IFA has identified that, if the UK exits the Single Market and Customs Union, there must be a Comprehensive Free Trade Agreement between the EU and UK, which would include the following specific elements: Tariff-free trade for agricultural products and food, maintenance of equivalent standards on food safety, animal health, welfare and the environment, and the application of the Common External Tariff for imports to both the EU and UK.

The IFA Livestock Chairman said the UK is the market for 50 per cent of Irish beef exports. "It's a high-value market and consistently pays above the EU average. Any reduction in access to, or the value of, the UK market would have a very negative impact on the Irish beef sector, and potentially the overall European beef market."

#### Brazilian Meat Scandal

On the Brazilian Meat scandal, Angus Woods said IFA made it absolutely clear to the EU Commission that they must take stronger action against Brazil.

The IFA Livestock leader said the latest reports from Brazil clearly indicate that basic requirements around standards, traceability and food safety are still not being met in Brazil. He pointed out that it is nearly 10 years since IFA uncovered serious failures in the way the authorities monitor and oversee the implementation of standards in Brazil that are the norm for European farmers and the food industry.

Under questioning on the EU audits in Brazil, the Commission said they will agree to undertake a series of additional FVO audits on the meat sector in Brazil commencing next month. Angus Woods said these audits need to be thorough, get to the real truth with clear and decisive follow up action.

TheCattleSite News Desk

### Brexit obligará al REINO UNIDO a revisar la política sectorial y su presupuesto

By Reuters April 12, Britain is expected to radically overhaul agricultural policy after it leaves the European Union and the bloc may have to make changes too when it loses Britain's net contributions to the region's farming budget.

For the first time in decades, farmers in Britain will have to fight for a slice of government funds with departments such as health and education once Brussels hands over the purse strings for farming budgets to London.

Britain's exit also spells trouble for EU farmers as the country puts more into the bloc's Common Agricultural Policy (CAP) than it takes out, meaning subsidies for farmers on the continent could also fall unless the funding gap is plugged.

British farmers have been shielded by a powerful farming lobby within Europe and benefit from EU subsidies, preferential trade deals and access to cheap seasonal labor, but they fear they will be losers on all three fronts in a post-Brexit world.



"The bloody-mindedness of the French or the Irish in standing up for agriculture was not just standing up for their farmers but actually brought a good deal for us as well. Without them we are more vulnerable," said Nigel Miller, who has a sheep and cattle farm near Galashiels in Scotland's Borders region.

"The reality is, as a farmer, I don't see the UK government expending a lot of negotiating capital to protect agriculture. Their main issue when they look for trade deals will be financial services, banking, etc," Miller said.

Britain voted to leave the 28-nation EU in a referendum in June last year. It has two years to sort out the terms of the divorce before it comes into effect in March 2019.

In 2015, British farmers received 3.25 billion euros (\$3.5 billion) from the EU's agriculture fund in direct payments based chiefly on the amount of land they farm, essentially a form of income support that does not take individual needs into account.

The government has guaranteed payments will be maintained until 2020 but farming and environment minister Andrea Leadsom said in February there would be a major policy overhaul when the EU subsidies stop.

#### Wealthy Individuals

On average, British farmers get about 15,000 pounds (\$18,700) a year from direct payments and an EU rural development fund. For some, direct payments account for 70 percent of their income.

But a significant chunk goes to wealthy individuals who are large landowners. An investigation by environmental lobby group Greenpeace showed that in 2015 the top 100 recipients of EU direct payments in Britain received more in total than the bottom 55,119 recipients combined.

Berkeley Hill, professor of policy analysis at Imperial College London, said any overhaul should ensure funds go to farmers making decisions that benefit the environment, or help them cope with disasters such as flooding or foot-and-mouth disease.

"It has the potential to be quite radical. What is the taxpayer getting in return for all this money? Most of it does not go to poor farmers," said Hill.

Greenpeace campaigner Hannah Martin hopes the government will reshape Britain's food and farming policy so payments are for the "common good", rather than just rewarding landowners for owning land.

"That means, landowners getting the money are doing positive things like boosting rural economies, ensuring food production is genuinely sustainable, reducing flood-risk, maintaining healthy soils and protecting biodiversity," she said.

Britain has about 18.4 million hectares of agricultural land of which more than half is classified as permanent grassland, according to government data for 2015. Wheat is the leading arable crop with 1.8 million hectares while others include barley, rapeseed, oats, rye, sugar beet and potatoes.

#### Spending Cuts

British farmers fear that in a post-Brexit world preferential trade deals could end, seasonal workers from the EU may find it harder to come to Britain and subsidies will stop.

The farm lobby has been a powerful force in Brussels but has less influence in Britain where, according to European Commission data for 2014, agriculture accounts for 1.2 percent of employment, compared with an EU average of 4.7 percent.

A National Farmers Union (NFU) survey late last year showed British farmers overall plan to reduce spending on machinery by 26 percent and cut investment on land by 31 percent over the next three years because of uncertainty caused by Brexit.

In budget terms, Britain will benefit from leaving the EU as it puts more into the bloc's CAP than it gets out. But that does not necessarily mean farmers will be the ones to benefit.

"The moment you are putting payments to farmers up against the National Health Service, care in the community, education ... You can see it is going to take its share of cuts," said Sean Rickard, a former chief economist for the NFU.

Farmers also worry that when it comes to trade deals and EU market access, sectors such as financial services will be a much higher priority for the government, and any new EU trade tariffs could have a significant impact.

The EU is Britain's most important trading partner for most agricultural sectors. In 2015-16, for example, about 80 percent of UK wheat exports went to the EU, mainly the Netherlands, Portugal and Spain.

There is also concern that new trading arrangements with countries outside the EU could leave farmers vulnerable to cheap imports from agricultural powerhouses such as Brazil and the United States.

#### CAP Gap

EU agriculture commissioner Phil Hogan is in little doubt that British farmers will suffer following Brexit.

"If people want to go separate ways like the UK there are going to be losers, and the big losers in the UK are going to be farmers," Hogan told a media briefing last month.

For the EU, though, Britain's departure will leave a significant funding gap that is already pitting countries with big farming sectors against major net contributors to the CAP, who are looking for ways to economize.



Alan Matthews, professor of European Agricultural Policy at Trinity College, Dublin, estimates there would have been a 3.1 billion euro hole in the CAP budget in 2015 without Britain, though the gap would have been significantly smaller in 2014.

In 2015, that shortfall would have been more than 5 percent of total EU spending on direct payments and rural development funds of 56.7 billion euros, and farmers in Europe are preparing to fight for their subsidies.

"If our calculations are right, it's a 5 percent cut to the EU budget, so we can say it's 5 percent less for the CAP budget. That's the first challenge," said Claude Cochonneau, a farmer in northwest France and president of a farming support network.

Spain and Bulgaria, both net beneficiaries of EU farm subsidies, are pushing for payments to be maintained, which would mean any shortfall would have to be made up elsewhere.

Pressure for EU farming budget cuts is more likely to come from large net contributors, such as Germany and Sweden.

"There should be less focus on current direct support and market measures," Sweden's Minister for Rural Affairs Sven-Erik Bucht said in an emailed response to questions about Sweden's objectives in the next round of CAP talks.

Joachim Rukwied, president of the German farming association DBV, said it supported a mix of increased national contributions and spending cuts elsewhere to cover the funding gap.

Analysts believe direct payments to EU farmers are likely to be maintained as part of the overall agricultural package although there may be moves to link more funds to ensuring environmental benefits, a policy known as greening the CAP.

"Are we going to see fundamental reform, or some adjustments? For the moment the Commission looks like it just wants to make adjustments to the current market approach, simplifying and greening," said Bruce Ross, managing director at agri-consultants Ross Gordon Consultants in Brussels.

But in Britain, farmers are bracing for a tough post-Brexit world, where some may not survive.

"There will always be people milking cows because we've got lots of grass and there will always be people growing crops - there just won't be as many," said Rickard, the NFU's former chief economist.

## ESTADOS UNIDOS

### **Reapertura del Mercado chino podría concretarse después del encuentro entre ambos mandatarios**

Newsweek April 10, 2017 After tweeting Saturday that he was skeptical China would give into his trade demands, U.S. President Donald Trump may be about to be surprised with American beef, grain and financial firms all being offered better access to Chinese markets, according to a report.

Chinese officials who spoke to the Financial Times said that President Xi Jinping is offering to lift China's 13-year-long ban on U.S. beef and buy more American grain and agricultural products. That comes alongside an offer to increase the stake that American financial firms can hold in Chinese insurance and financial asset companies.

This opening up of China's market follows President Trump's two-day summit with President Xi at his Mar-a-Lago club in Florida last week. And although many aspects of these offers were in the works before Trump took office, trade experts say they represent a win for his administration.

On Saturday Trump tweeted "it was a great honor to have President Xi" at his home and that a friendship was forged between the two leaders, "but only time will tell on trade." The summit, which took place on Thursday and Friday ended without a press conference or major announcement.

In January, Trump threatened to impose a 45 percent tax on Chinese imports, and has used strong rhetoric against the country—calling China the "grand champions" of currency manipulation, and accusing the Chinese of "taking out massive amounts of money & wealth from the U.S. in totally one-sided trade."

Trump's stance threatened a trade war over the more than \$300 billion trade deficit the U.S. has with China and would have wrecked both the American and Chinese economies, according to international trade experts. If Trump sought to tax Chinese imports at a higher rate, they could respond in kind with their own tariffs.

President Trump's rhetoric wouldn't "make for good economic policy" said Michael Plouffe, an expert in foreign economic policy at University College London, in an interview with Newsweek ahead of the meeting. Plouffe said an informal agreement between the two leaders to make things easier for American producers competing with Chinese imports would be the most likely outcome from the meeting.

After a summit with U.S. President Donald Trump on Thursday and Friday China has offered to end a 13-year ban on American beef and open its financial market to more American investment. Carlos Barria/Reuters

"I think it's in the best interest of both parties to have this come off as looking...to reduce the distance between the two sides," Plouffe said. "That would be seen as a win."



After the two leaders met on Friday, Secretary of Commerce Wilbur Ross said at a press briefing, alongside Secretary of State Rex Tillerson and Treasury Secretary Steve Mnuchin, that China and the U.S. agreed to a 100-day plan for trade talks to lay out how they will rebalance imports and exports. Although Ross acknowledged it is "a very, very short time" for trade negotiations, which are usually measured in years.

Tillerson said that during the summit with Xi, Trump underscored the need for China to take "concrete steps to level the playing field for American workers, stressing repeatedly the need for reciprocal market access."

A request for comment and confirmation of China's offer were not returned by the U.S. Department of Commerce. The president has yet to announce whether he will accept any deal with China, and the meetings seemed to have little impact on world markets on Monday April 10.

Yet these agreements were in the works before Trump and Xi met. Following negotiations with President Barack Obama, China was already prepared to open up to more investment from American financial firms, a Chinese official involved in the Florida summit told the FT. "Had Obama been in office for another six months we would have gotten there," they said.

China had already begun rolling back its December 2003 ban on some U.S. beef products last September. However, The National Cattlemen's Beef Association pointed out to Trump in a March 27 letter that American beef is still blocked since the terms of their access to the Chinese market haven't been ironed out yet.

The most concrete thing to have emerged from the meeting so far is Trump's agreement to make a state visit to China in 2017.

#### China Lifts Ban on U.S. Beef

By Greg Henderson April 10, 2017 President Donald Trump's weekend summit with Chinese president Xi Jinping could have major implications for the U.S. beef industry. Several news outlets are reporting the two reached an agreement to lift the barricade against U.S. beef exports that has been in place since 2003. U.S. industry officials estimate the market, which includes China, Hong Kong and Vietnam, could total \$7 billion. President Xi Jinping also offered to buy more American grain and agricultural products.

Last year the bulk of China's beef was purchased from Brazil, Uruguay, Australia, New Zealand and Argentina.

Beef industry groups, including the National Cattlemen's Beef Association, The U.S. Meat Export Federation and the North American Meat Institute, have urged President Trump to negotiate the reopening of the Chinese market to U.S. beef, calling it "essential to the future health of the beef industry."

#### Evolución positiva de las exportaciones en febrero

11 April 2017 US - February results for US pork and beef exports were well above year-ago levels, with pork exports posting the strongest February volume on record, according to statistics released by USDA and compiled by USMEF.

Beef exports totaled 90,417 mt in February, up 9 per cent year-over-year, with value up 16 per cent to \$508.5 million. Through February, beef exports were up 13 per cent in volume (186,905 mt) and 17 per cent in value (\$1.02 billion).

February exports accounted for 12.6 per cent of total beef production and 10.1 per cent for muscle cuts only, which was steady with last year. January-February ratios were also fairly steady at 12.4 per cent and 9.8 per cent, respectively. Export value per head of fed slaughter averaged \$276.96 in February, up 13 per cent from a year ago, while the January-February average was up 10 per cent to \$266.34 per head.

"With trade deficits being a hot topic of conversation, especially with countries such as Mexico, China and Japan, it's important to highlight the sectors in which US products are competitive throughout the world and exports are thriving," said USMEF President and CEO Philip Seng. "The red meat sector is certainly in that category, as exports have helped fuel growth in the US industry and, in turn, larger US production has opened further export opportunities and generated positive returns for the entire supply chain."

Chilled beef to Japan, Korea and Taiwan continues to drive export growth

Japan continued to solidify its position as the leading volume and value market for US beef, with February exports climbing 48 per cent from a year ago in volume (23,789 mt) and 55 per cent in value (\$134.3 million). Through February, exports to Japan were up 41 per cent in volume (46,276 mt) and 44 per cent in value (\$259.6 million). This included a 60 per cent increase in chilled beef volume to 19,404 mt. Japanese import data showed that US beef overtook Australian beef in the first two months of the year, with US market share climbing to 45.6 per cent while Australia's dropped to 44 per cent.

Strong momentum continued for US beef in Korea, where February exports increased 11 per cent to 13,093 mt valued at \$86 million (up 26 per cent). This pushed the two-month totals up 23 per cent in volume (28,287 mt) and 31 per cent in value (\$177.6 million). Chilled exports through February were up 95 per cent to 5,384 mt.



In Taiwan, February exports jumped 33 per cent from a year ago to 2,886 mt, while value increased 26 per cent to \$25.3 million. Through February, exports were up 28 per cent in volume (6,477 mt) and 25 per cent in value (\$55.1 million). US beef holds 70 per cent of the chilled beef market in Taiwan, the highest of any Asian market. Through February, chilled exports to Taiwan increased 12 per cent to 2,479 mt.

Other highlights for US beef included:

- Exports within North America are off to a solid start in 2017, with January-February exports to Mexico increasing 14 per cent from a year ago in volume (36,235 mt) and 3 per cent in value (\$147.4 million). Exports to Canada are showing signs of a rebound, with volume up 11 per cent to 19,446 mt and value up 18 per cent to \$123.5 million.
- Beef exports to two key South American markets increased significantly in value through February, with exports to Chile up 22 per cent year-over-year to \$8.9 million and exports to Peru up 68 per cent to \$4.3 million. The increase in Chile was achieved despite a 16 per cent decline in volume (1,417 mt) while volume to Peru was up 16 per cent to 1,130 mt.
- A rebound in the Philippines and continued growth in Vietnam pushed January-February beef exports to the ASEAN region up 33 per cent in volume (4,774 mt) and 19 per cent in value (\$27.3 million). Exports to Indonesia, which set a value record of \$39.4 million last year, are off to a slow start in 2017 with value through February down 48 per cent to \$3.5 million.
- Strong growth to most Asian markets helped offset a slowdown to Hong Kong, where January-February volume was down 21 per cent to 16,131 mt, valued at \$104.7 million (down 12 per cent).

#### **TAILANDIA: aprobó el ingreso de carnes con y sin hueso de Ganado de cualquier edad**

TheCattleSite News Desk 11 April 2017 - Bone-in and boneless beef from cattle of any age are now eligible for Thailand, as long as the slaughter date is on or after 1 April 2017.

For product derived from cattle slaughtered on or after this date, all USDA Agricultural Marketing Service (AMS) Export Verification (EV) Programme requirements have been removed.

"Thailand enforced its boneless conditions with exceptional rigor," explained Joel Haggard, USMEF senior vice president for the Asia Pacific.

"We can remember entire shipments of premium items being rejected based on the finding of a single millimeter-long chip.

"That's hopefully behind us now, with the new rules allowing boneless and bone-in cuts.

"Although it is likely to remain a relatively small market for US beef, more exporters will now be interested in serving Thailand, where there are a number of foodservice and retail operations that want to feature American beef."

Exporters should note that beef offal and offal products remain ineligible for Thailand, and USMEF is seeking clarification on which items (for example, skirts and diaphragms) will be classified as offal by Thailand's Department of Livestock Development.

For cattle slaughtered before 1 April, the boneless-only requirement is still in effect, as are all other EV Programme requirements.

#### **Más exportaciones y menos importaciones contribuyeron a sostener el mercado**

By Derrell S. Peel, Oklahoma State University Extension Livestock Marketing Specialistity Extension Livestock Marketing Specialist April 12, 2017 U.S. beef exports continue the 2016 trend with additional improvement so far in 2017. February total beef exports were up 19.3 percent and combine with the January total for a year to date increase of 20.1 percent year over year for the first two months of the year. This extends the annual 12.6 percent year over year increase in 2016.

Japan remains the top destination for U.S. beef exports, up 44.4 percent year over year for January and February. Beef exports to Japan represented 29.9 percent of beef exports so far this year. Japan accounted for 25.7 percent of total beef exports in 2016. South Korea is the second largest beef export market for the U.S., up 26.5 percent in the first two months of the year compared to the same period in 2016. South Korea has had a rising share of U.S. beef exports in the last four years and represented 17.8 of total beef exports in 2016.

Mexico is third largest beef export market, up 25.8 percent year over year for the year to date. Beef exports to Mexico have generally decreased in recent years but did show a year over year increase of 8.6 percent in 2016. Mexico's share of U.S. beef exports has dropped sharply in the last few years to a 2016 level of 15.4 percent of total beef exports. Canada is the number four beef export market and is up 17.0 percent so far this year compared to the first two months of 2016. Canada's share of beef exports has also declined some in the last five years with a 2016 share of 12.1 percent of total exports. Hong Kong has had a larger share of U.S. beef exports in the last four years but dropped from the previous year to 11.5



percent of total exports in 2016. Beef exports to Hong Kong so far in 2017 are down 23.6 percent year over year.

The top five beef export markets (Japan, South Korea, Mexico, Canada and Hong Kong) represented 83.7 percent of total beef exports in the first two months of 2017, similar to the 82.6 percent share in 2016. 2017 beef exports are up year over year to all of these markets except Hong Kong.

Beef imports are down 17.4 percent year over year in the first two months of 2017. This follows a 10.5 percent year over year decrease in 2016. Australia, historically the largest source of U.S. beef imports, is down 45.5 percent so far this year following a 39.0 percent year over year decrease in 2016. In fact, Australia is currently the fourth largest beef import source so far in 2017. Australia is in roughly the same relative position as the U.S. beef industry was in 2014/2015, with drought-reduced animal inventories restricting production and herd rebuilding further restricting beef production at the current time.

New Zealand is the largest beef import source so far in 2017 but is down 21.1 percent year over year, following a 7.3 percent year over year decrease in 2016. Mexico is the second largest beef import source thus far in 2017 and is up 37.2 percent year over year in the first two months of the year. Imports of Mexican beef have grown sharply in recent years, jumping 25.9 percent in 2016 and accounting for 16.4 percent of total beef imports. Canada is the third largest beef imports source, with year to date imports down 12.7 percent. After an annual year over year increase of 14.3 percent, Canada represented 23.8 percent of total beef imports in 2016. The top four import markets represented 85.9 percent of 2016 beef imports. Significantly smaller import shares include Brazil, which accounted for 5.1 percent of total imports along with 4.1 percent from Uruguay in 2016. Beef imports are largely driven by the demand for lean trimmings used in the ground beef market. On average, an estimated 72 percent of U.S. beef imports are lean trimmings.

### **Fuerte baja de precios de la hacienda en el primer trimestre de 2017**

11 April 2017 US - To explain cattle prices during the first quarter of this year in terms of fundamental market forces, we need to look at both seasonal (e.g. key changes compared to the fourth quarter of 2016) and also year-over-year market supply and demand aspects, write Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

From January into late March of this year cattle prices generally increased, which is a rather normal seasonal occurrence. Still, cattle prices for the first quarter were the lowest for the first three months of any year since 2011.

Two key seasonal factors came together to raise fed cattle prices during the first quarter of this year: Seasonally smaller beef production (data are reported by USDA's National Agricultural Statistics Service). Comparing 2017's first quarter commercial beef production with the fourth quarter of 2016 the drop was a rather normal 4.9 per cent. That same comparison for a year ago (first quarter of 2016 versus 2015's fourth quarter) the decline was only 2.9 per cent. As a baseline, the prior 10-year average was down 4.5 per cent. Seasonally lower packer gross margins. From setting record high monthly levels in much of 2016, the calculated margin, that is the live-to-cutout price spread (including the byproduct value), declined significantly quarter-over-quarter. That margin returned to historical levels in early 2017.

On a year-over-year basis, the change in US net trade balance was a key market factor. That is, US beef exports were higher year-over-year and imports dropped. The exact numbers were not available at the time this article was written. Actual data compiled and released by the USDA's Foreign Agriculture Service were available through February. For the January-February timeframe, compared to a year earlier, beef export tonnage increased 20 per cent, while imports fell by 17 per cent.

Projected US commercial cattle slaughter for the first quarter was 7.7 million head, the largest for the quarter since 2012's. That was a 7.3 per cent increase compared to January-March of 2016. Compared to a year ago, average dressed weight was down 1.1 per cent. So, US beef production was 6.1 per cent above a year earlier. Importantly, due to a year-over-year increase in beef export tonnage and a decline in imports, US per capita beef disappearance (based on preliminary data) only increased about 1.2 per cent for the first quarter.

Fed steers, using the 5-market average price reported by USDA's Market News Division of the Agricultural Marketing Service (USDA-AMS) averaged \$122.97 per cwt. in this year's first quarter. That was, down 8.8 per cent from a year ago. However, compared to the depressed levels of the 2016's fourth quarter, of 2016, fed cattle prices during January-March averaged were over \$15.00 per cwt. higher (up 14.2 per cent).

Yearling and calf prices were supported by higher fed cattle prices and the associated rebound, finally, of cattle feeding returns back into the black. For the first quarter of 2017, the Livestock Marketing Information Center (LMIC) calculations put estimated cattle feeding returns at the highest average for any calendar year since the last quarter of 2003.

In the Southern Plains, for 2017's first quarter, USDA-AMS reports showed that steers weighing 700-to 800-pounds and 500-to 600-pounds averaged \$132.88 per cwt. and \$157.38, respectively. Yearling and



calf prices were below a year ago (down \$27.18 per cwt. for 700-to 800-pound steers and dropping \$38.35 for 500-to 600-pound steer calves). As with fed cattle, yearling and calf prices increased compared to late 2016's, rising quarter-over-quarter by \$3.81 (up 3.0 per cent) for steers weighing 700-to 800-pounds and up \$18.94 per cwt. (increasing 13.7 per cent) for 500-to 600-pound animals.

## **CHINA aumentó demanda de carne de los principales proveedores del mundo**

12/04/2017 - Para Uruguay es el principal destino, con casi la mitad de lo exportado.

China comenzó el 2017 con un fuerte aumento en las importaciones de carne vacuna de los principales proveedores del mundo: Uruguay, Brasil, Australia y Argentina.

Para Uruguay significa el principal destino para la colocación de este producto con y sin hueso, aproximadamente un 46% del total exportado.

En el primer trimestre del año Uruguay exportó 9.000 toneladas peso embarque de carne vacuna con hueso. En comparación con los mismos tres meses del año pasado, significó un aumento de 37%. Para la carne bovina sin hueso los niveles exportados alcanzaron las 28.000 toneladas peso embarque, 20% más frente a la misma referencia del 2016.

Sumando los dos productos exportados al país asiático durante el primer trimestre del año, Uruguay creció cercano al 25% si se compara con los volúmenes enviados durante enero-marzo de 2016.

El precio medio de exportación en el periodo mencionado fue de US\$ 4.019 por tonelada peso embarque para cortes sin hueso y US\$ 2.567 para productos con hueso.

Brasil, que estuvo bajo la lupa por el escándalo "carne fraca" y fue suspendido temporalmente por varios mercados, entre ellos China; logró colocar en el país asiático durante marzo el volumen mensual más alto desde que reingresó al destino en junio de 2015.

Según informó la consultora Tardáguila Agromercados, durante el mes pasado Brasil exportó a China cerca 20.000 toneladas peso embarque de carne vacuna. Y en el primer trimestre del año incrementó los envíos 48% frente a los mismos tres meses del año pasado.

Asimismo, si se tiene en cuenta a Hong Kong y Taiwán, dos puertas alternativas (canal gris) para colocar su producto en China, las exportaciones al grande asiático asciende aproximadamente a 36.000 toneladas peso embarque.

El precio medio de venta de Brasil a China es de US\$ 4.089 por tonelada peso embarque de carne enfriada sin hueso, mientras que para cortes congelados promedia US\$ 3.974 por tonelada. Durante el primer trimestre del 2017 el producto brasileño en China se valorizó 7% en la comparación anual.

De esta manera, Brasil se restablece en el mercado chino y permite imaginar que el escándalo sanitario surgido en las últimas semanas no tuvo ningún impacto negativo para la colocación de su producto en los distintos destinos. Además, esta tendencia de aumento en la colocación de carne vacuna en China podría seguir firme durante abril.

Por otro lado, Argentina también aumentó las exportaciones de carne vacuna congeladas a China durante el primer bimestre del año.

Según datos del Servicio Nacional de Sanidad y Calidad Agroalimentaria (Senasa), los volúmenes al mercado asiático fueron de 6.639 toneladas peso embarque. Incrementó 70% los envíos frente a los mismos meses del 2016.

Actualmente, China representa el 40% de las exportaciones totales de carnes frescas en los dos primeros meses del 2017, que se ubicaron en 16.568 toneladas peso embarque, informó La Nación.

Los negocios con China vienen evolucionando año a año, en 2016 el país asiático compró 54.067 toneladas de carne congelada, significó 30% más que en 2015. Y en 2015 las importaciones habían aumentado 111%.

Por último, Australia, que continúa experimentando una reducción del rodeo vacuno, precio de hacienda alto y una menor participación en el mercado internacional si se compara con años anteriores; aumentó 4% los niveles de exportación de carne vacuna a China durante los primeros tres meses del año.

Más allá de este leve crecimiento, las exportaciones totales australianas al mercado mundial cayeron 12%. Recordamos que el país oceánico tiene como beneficio competitivo un tratado de libre comercio firmado con China que reduce sus aranceles año a año hasta llegar a cero para el ingreso de sus productos.